

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# MATIZES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Matizes na Literatura Contemporânea

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
M433	Matizes na literatura contemporânea [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-635-5 DOI 10.22533/at.ed.355192709  1. Literatura – História e crítica. I. Sousa Ivan Vale de. <p style="text-align: right;">CDD 809</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A necessidade de ensinar literatura na escola e tomá-la como objeto de ensino no contexto da sala de aula encontra mais espaço quando as propostas de aprendizagem são diversificadas, considerando os diferentes níveis de conhecimentos e os interesses dos estudantes nas finalidades de analisar e investigar o texto literário.

Muitas são as finalidades de ensino da literatura na escola e a identidade deste livro reafirma que as matrizes da literatura na contemporaneidade encontram-se no espaço de efetivação da sala de aula as razões que amplie o processo de formação literária e humanista dos sujeitos. Com o acesso à literatura todos saem ganhando: aprende quem ensina e ensina quem aprende, por isso os dez capítulos que dão formatos a esta obra têm a finalidade de fazer pensar, de demonstrar que na constituição dos múltiplos textos literários há muitas políticas de resistência e de transformação das concepções de mundo dos sujeitos.

No primeiro capítulo a Amazônia brasileira é analisada a partir do texto de natureza literária *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, porque a narrativa põe em pauta questões contundentes para o debate como os processos migratórios. No segundo capítulo as representações femininas nos romances alencarianos são analisadas a partir de um olhar sob a ótica da classe patriarcal romântica brasileira nas obras *Lucíola* e *Senhora*.

No terceiro capítulo as narrativas orais são discutidas com a finalidade de destacar que elas têm muito a nos ensinar, bastante a dizer, além disso, o autor problematiza a necessidade de documentá-las, apresentando duas narrativas da cidade Parauapebas, sudeste do Pará. No quarto capítulo os efeitos da narrativa fantástica têm espaço de discussão e análise a partir do estudo realizado em que o leitor é convidado a inserir-se no processo de interpretação.

No quinto capítulo o autor apresenta ao leitor algumas notas sobre a literatura de Andy Warhol. No sexto capítulo pontuam-se certas constantes do imaginário religioso, sua relevância em cada narrativa e também na instauração do questionamento sobre a verdade oculta que rege o universo, na busca do “aprender a viver”, acentuada preocupação do autor mineiro.

No sétimo capítulo discute-se uma obra literária sob a perspectiva da teoria dos direitos humanos que tem se ocupado em debater o fenômeno da imigração e, mais recentemente, a crise dos refugiados pelo mundo. No oitavo capítulo analisa-se o romance norte-americano *Once in a Promised Land* como uma crítica à propagação de estereótipos negativos em relação a árabes e muçulmanos, principalmente, imigrantes dos Estados Unidos no contexto pós Onze de Setembro.

No nono capítulo tecem-se algumas considerações a respeito da importância da crítica textual e da divulgação de obras de autores como Machado de Assis e Eça de Queirós como atos de resistência aos ataques conservadores e fascistas que o campo progressista combate também na atualidade. Por fim, no décimo e último

capítulo o autor propõe uma análise com focalização na resistência do negro contra o poder do senhorio ainda vigente, mesmo após a abolição da escravatura.

Entender as diferentes matrizes da literatura na contemporaneidade pressupõe aceitar o convite de análise de todos os dez capítulos que dão sentidos e formas a esta obra. Assim sendo, resta-nos desejar aos diversos leitores, interlocutores desta obra, que tenham ótimas reflexões.

Ivan Vale de Sousa  
O Organizador.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A AMAZÔNIA BRASILEIRA RETRATADA FORA DO BINARISMO PARAÍSO/INFERNO VERDE EM CINZAS DO NORTE DE MILTON HATOUM	
<a href="#">Ivanete da Silva Alves</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS ROMANCES ALENCARIANOS: UM OLHAR SOB A ÓTICA DA CLASSE PATRIARCAL ROMÂNTICA BRASILEIRA EM <i>LUCÍOLA E SENHORA</i>	
<a href="#">André Luiz Lunardelli Coiado</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
O QUE SE APRENDE QUANDO SE ENSINAM NARRATIVAS ORAIS NA ESCOLA?	
<a href="#">Ivan Vale de Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
EFEITOS DA NARRATIVA FANTÁSTICA: INQUIETANTE, ESTRANHO E METAEMPÍRICO	
<a href="#">Lilian Lima Maciel</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
NOTAS SOBRE A LITERATURA DE ANDY WARHOL	
<a href="#">Tiago Leite Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>48</b>
O IMAGINÁRIO RELIGIOSO NO UNIVERSO ROSIANO: O DIVINO NAS COISAS TERRENAS	
<a href="#">Edna Tarabori Calobrezi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>60</b>
O PÚBLICO E O PRIVADO: O LUGAR DO (A) IMIGRANTE NA SOCIEDADE CANADENSE ATRAVÉS DE UM ROMANCE	
<a href="#">Tacel Ramberto Coutinho Leal</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>68</b>
LITERATURA E RESISTÊNCIA: LAILA HALABY PUBLICA <i>ONCE IN A PROMISED LAND</i>	
<a href="#">Loiva Salete Vogt</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>80</b>
PELO RESGATE DE UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DE COMBATE: PREPARAÇÃO DE EDIÇÕES CRÍTICAS DE OBRAS DE MACHADO DE ASSIS E DE EÇA DE QUEIRÓS	
<a href="#">Ceila Maria Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3551927099</b>	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>88</b>
“CACHAÇA”: O CONSOLO DE UMA LUTA POR INSERÇÃO SOCIAL Edvaldo Santos Pereira DOI 10.22533/at.ed.35519270910	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>95</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>96</b>



## O IMAGINÁRIO RELIGIOSO NO UNIVERSO ROSIANO: O DIVINO NAS COISAS TERRENAS

**Edna Tarabori Calobrezi**

Universidade Paulista São Paulo – SP

**RESUMO:** Este artigo consiste em evidenciar como a religiosidade permeia, explícita ou implicitamente, a produção literária de Guimarães Rosa, tendo por base os contos “A hora e a vez de Augusto Matraga” (*Sagarana*), “A menina de lá” (*Primeiras histórias*); “Bicho mau” (*Estas Histórias*) e o “pacto” de Riobaldo (*Grande sertão: veredas*). A análise incide em pontuar certas constantes do imaginário religioso e sua relevância em cada narrativa e também na instauração do questionamento sobre a verdade oculta que rege o universo e na busca do “aprender a viver”, acentuada preocupação do autor mineiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** religiosidade; literatura; Guimarães Rosa; questionamento.

### THE RELIGIOUS IMAGINARY IN THE ROSIAN UNIVERSE: THE DIVINE IN THE MUNDANE ASPECTS

**ABSTRACT:** This article consists in highlight how religiosity permeates, explicitly or implicitly, Guimarães Rosa literary production, based on the following tales: “A hora e a vez de Augusto Matraga” (*Sagarana*), “A menina de lá” (*Primeiras histórias*), “Bicho mau” (*Estas*

*Histórias*) and the “Pacto de Riobaldo” (*Grande sertão: veredas*). The analysis points religious imaginary constants and its relevance in each narrative, the inquiring instauration about the hidden truth that rules the universe and in the “learn to live” seek, Minas Gerais author emphasized interests.

**KEYWORDS:** religiosity, literature, Guimarães Rosa, inquiring

### 1 | INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos, até nossos dias, o diálogo entre o homem e seu imaginário religioso é frequentemente explorado pela arte (em músicas, esculturas e pinturas) e pela mídia (em novelas e filmes). Comparece sobremaneira na produção literária de renomados escritores, de países, épocas, estilos e movimentos culturais diferentes, como Camões, Shakespeare, Gregório de Matos, Jorge Amado, Guimarães Rosa e muitos outros, artífices de notáveis relações intertextuais entre o texto religioso e o literário.

Esta pesquisa consiste na abordagem da religiosidade em um *corpus* da obra de Guimarães Rosa, no qual a presença do imaginário religioso se faz sentir de forma basilar ou tangencial. Não se pretende obter

uma unidade, mas sim apontar certas constantes reveladoras na tessitura do texto rosiano, respeitando a diversidade, autonomia formal, tom e perspectiva dos contos escolhidos: de *Sagarana*: “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de *Primeiras estórias*: “A menina de lá”, de *Grande sertão: veredas*: o “pacto” de Riobaldo, de *Estas Estórias*: “Bicho mau”.

Nossa investigação incide em sondar em que a religiosidade - termo abrangente, que se refere aos variados aspectos da atividade e crença religiosa, permeia o texto rosiano e influi significativamente em cada narrativa, contribuindo para a construção dos personagens, do ambiente, do enredo, na instauração do questionamento da verdade oculta que rege o universo e na busca do “aprender a viver”, eterna preocupação do autor mineiro.

## 2 | O RELIGARE NAS NARRATIVAS

O fio condutor visível nas narrativas em análise é o enredamento da religiosidade na conduta e no destino das personagens. Por **religiosidade** entende-se os muitos aspectos das práticas e crenças religiosas, envolvendo o exercício de rituais, respeito aos símbolos, ou a aceitação de uma doutrina que admite a intervenção de seres sobrenaturais e vida após a morte.

Conforme o antropólogo James Frazer (apud MONTERO, 1986), *religião* implica na crença em poderes superiores ao homem, os quais devem ser por ele reverenciados, pois detêm o controle da natureza e de todos acontecimentos e o homem ciente de sua fraqueza, povoa o universo de entes divinos.

Guimarães Rosa, homem introspectivo, cristão e de forte religiosidade, propicia essa comunicação entre os dois planos da existência; o da realidade sensorial e o da extra-fenomênica; assim, as personagens, alicerçadas numa fé ilimitada, buscam a obtenção de ajuda sobrenatural para suas vidas. Notadamente, as personagens deste corpus, Matraga (*A hora e a vez de Augusto Matraga*), Riobaldo (*Grande sertão: veredas*), a família de Seo Quinquim (*Bicho mau*) e de Ninhinha (*A menina de lá*) vivenciam esse percurso, desejando penetrar re-integrar-se a um outro mundo, que vai trazer-lhes autoconfiança e poder de decisão.

As narrativas foram escolhidas no intuito de especificar os diferentes modos como o escritor mineiro aborda a religiosidade na trajetória das personagens, mas sempre questionando as causas e conseqüências da fé intensa que os move: Matraga é considerado um *Enviado*, o *Salvador* do grupo; Ninhinha tida como *a menina milagrosa*; Jerônimo (*Bicho mau*), o *benzedor* que induz à morte e Riobaldo, o ser angustiado devido ao possível e/ou imaginado *pacto* com o Demo, a entidade sobrenatural do sertão, motivo capaz de gerar a grande dúvida, culpa e remorso de sua vida.

Por meio destes enfoques, Guimarães Rosa permite um novo olhar sobre a

religiosidade; a maneira que é vivenciada pelo homem e como a sociedade em que está inserido a impõe. Todas as histórias se passam no sertão dos Gerais, envoltas numa cultura na qual a fé está intimamente ligada a credences populares e até arcaicas que sugerem uma transcendência algo ingênua.

## 2.1 A Hora e a Vez de Augusto Matraga: A Missão do Salvador

Em *A hora e a vez de Augusto Matraga*, observa-se uma experiência religiosa centralizadora da vida do protagonista: uma espessa camada de fé subjacente à construção da narrativa. Augusto Esteves, Nhô Augusto, fazendeiro e grande mau-caráter, briguento e violador de mulheres, endividado por administrar mal os bens, abandonado pela esposa e filha e leva uma tremenda surra dos ex-capangas, agora a serviço de seu inimigo. É ainda marcado com ferro de marcar gado e só o deixam em paz porque cai num barranco e pensam que morrerá. Contudo, é salvo por um casal de pretos que cuidam dele e lhe ensinam a humildade e a oração, reforçados por um padre que vem confessá-lo e lhe diz:

*Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar mas sempre passa. (...) Cada um tem sua hora e a sua vez: você há de ter a sua. (Sagarana, p.356.)*

A partir daí, instaura-se um clima de *sobrenaturalidade* dirigindo a vida de Nhô Augusto que decide abandonar o passado – a vida de pecados – e converter-se (pelo trabalho e oração) para ganhar o Céu. Renasce para uma vida nova, purifica-se rezando e trabalhando muito, perdoa quem lhe fez mal e só vive para ajudar o próximo, tem medo do castigo do inferno e apoia-se na fé, confirmando o pressuposto que “*A solução religiosa dá origem a um comportamento exemplar e, por conseguinte, força o homem a revelar-se, ao mesmo tempo, real e universal.*” (ELIADE, sd, p.13) buscando valores que extrapolam o particular.

Tempos depois conhece Joãozinho Bem-Bem, torna-se seu amigo e este o convida para entrar em seu bando, pois vê nele um homem de fibra. Embora fortemente tentado, recusa o convite. Um dia, Nhô Augusto deixa o lugarejo, pois sente que “sua hora” chegara, como um *chamado*. Parte em um jumento, animal que carregara Cristo e chega num arraial onde todos estavam apavorados porque o bando de Joãozinho Bem-Bem estava no lugarejo. Vai encontrá-lo muito contente, porém descobre que estavam ali para vingar a morte de um companheiro e, na falta do assassino que fugira, iriam violar suas irmãs e matar os irmãos. De nada valiam as súplicas do velho pai daqueles desgraçados, nem o seu pedido. Então, Nhô Augusto decide defender as vítimas e invocando a Santíssima Trindade, inicia uma luta contra o bando, leva muitos tiros, mas mata três, outros fogem e ele e Joãozinho Bem-Bem se atacam: Nhô Augusto esfaqueia-o, salvando assim, aquela gente.

Dessa maneira, a religiosidade, concretizada na crença no poder da palavra, a constante repetição “Cada um tem a sua hora e há-de chegar a minha vez!” (*Sagarana*, p. 373) e na modificação do comportamento inspirado na fé no Deus do cristianismo,

transforma a vida de Matraga: rezou, trabalhou e perdoou buscando “criar”/ a sua *hora* e o leva à outra dimensão não-ordinária: a do *sagrado*, sentida e mencionada pelo povoado. Uma vez que, a fé do cristianismo admite que tudo é possível para Deus e também para o homem:

Acreditem na fidelidade de Deus. Em verdade vos digo que alguém dirá a esta montanha: Ergue-te e lança-te ao mar... Se o homem não duvidar e acreditar naquilo que diz, isso realizar-se-á. É por isso que vos digo: Tudo o que pedirdes rezando ser-vos-á concedido. Marcos - XI, 22-24, (*apud* ELIADE, 1969, p. 173)

Somente após “cumprir sua missão salvadora”, será chamado de “Augusto Matraga”, o nome verdadeiro e o adquirido como “herói”, à semelhança dos seres lendários e míticos. O povoado reconhece nele “um mártir”, numa analogia com Cristo: “Foi Deus que mandou esse homem no jumento, por mor de salvar as famílias da gente!” (*Sagarana*, p. 385). Sua atitude redentora custa-lhe a própria vida, mas traz-lhe um engrandecimento perante a comunidade.

## **2.2 Bicho Mau: Embate Entre a Fé e a Razão**

*Bicho Mau* relata o caso de um sertanejo, Seo Quinquim, atacado duas vezes por uma cobra. Seu estado é muito grave, apesar das fervorosas invocações à Virgem e a São Bento e das ágeis providências dos companheiros: uma correia improvisada como torniquete em sua perna e o fígado da Boicininga morta, friccionado na mordida, enquanto um deles mascava fumo para colocar sobre o ferimento, medida habitualmente tomada, nos meios rurais, nessas condições (HOLANDA, 1994).

O narrador - onisciente e em terceira pessoa - revela o contraste cultural, demonstrando o flagrante desnível de certas regiões rurais com relação aos conhecimentos desenvolvidos pela civilização urbana, cujas crenças, no caso, religiosas, exibem um profundo conflito entre a ciência e a fé e atuam como grande responsável pelo trágico desfecho: a destruição de uma família.

A estória ocorre numa fazenda sem nome e definição geográfica, próxima de um arraial também indeterminado; seus habitantes, fatalistas e resignados em face da própria existência, apenas *sobrevivem*: É, portanto, significativo o fato de que a única medida tomada por Nhô Barros, pai de seo Quinquim, resume-se em procurar a ajuda de Jerônimo, um preto velho, curandeiro e benzedor. Sua atitude recebe total apoio da mãe e dos irmãos. Só a esposa, grávida, protesta, exigindo a presença do médico e de medicamentos que, a contragosto, são providenciados, chegando apenas algumas ampolas de soro.

O narrador recorre ao fluxo de consciência, pondo o leitor em contato direto com as tensões emocionais das personagens e permitindo a manifestação de seus *pensamentos*. Quanto ao pai da vítima, percebe-se que deseja eliminar o sofrimento acentuado pelo conflito da decisão e, para evitar o desprazer da dúvida, apela ao conhecimento no qual confia: *as palavras do curandeiro*. A indecisão do velho mostra o ceticismo quanto aos métodos científicos para a solução do caso e a obstinação

em se manter fiel a seu universo de crenças “primitivas”, apegando-se ao recurso que pensa conhecer: o *benzimento do curandeiro*, cuja infalibilidade não questiona. “(...) Dar a injeção? E o que o Jerônimo falou? ‘Não dar nada...’ Só assim é que ele agarante. O Jerônimo é negro velho, sabe. Quantas pessoas, mesmo, o Jerônimo já curou? Amanhã, o Quincas está bom. (...)” (*Estas Estórias*, p. 174).

A atuação de Jerônimo concretiza-se através de um gesto simbólico: dá água para o irmão de seo Quinquim tomar, representando-o. Vale lembrar que quando ocorre uma vítima de cobra, práticas de origem africana, (como benzimentos, especialmente à distância) são empregadas por curadores negros e mulatos, costume bastante comum (HOLANDA, 1994)

A família da vítima acredita na eficácia desse rito e o endossa, mediante cega obediência às palavras do preto velho que proíbe remédios, benzimento de outra pessoa ou reza; a fé em seu poder deve ser incondicional: não admite conciliação com quaisquer recursos. E, na mentalidade dos moradores daquele lugarejo, na qual a religiosidade e a superstição imperam, contrariar o curandeiro significa arriscar-se ao malogro. Por isso, mesmo diante do perigo de perder o filho, o Pai se deixa intimidar pela proibição: “(...) O Jerônimo sabe! ...É preciso só a gente ter fé, para ajudar...” (*Estas Estórias*, p. 175).

Colocam-no acima da medicina e até da divindade; tanto que o Pai quebra os frascos de soro antiofídico e a Mãe acata as imposições de não rezar: “(...) qualquer reza podia prejudicar a simpatia. Deus perdoava, os Santos não se zangavam.” (*Estas Estórias*, p. 172). Assim, Jerônimo retira suas forças do poder a ele atribuído por seus adeptos. Embora arrogante e autossuficiente, ele é apenas um produto do consenso social, só funciona porque as pessoas creem nele; uma vez que a eficiência da magia só ocorre na crença do poder do feiticeiro, em suas técnicas e na confiança da opinião coletiva, “que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.” (LÉVI-STRAUSS, 1967, p.194-5).

A confiança absoluta no curandeiro recupera vestígios do antigo *Animismo*, um sistema de pensamento desenvolvido pelos povos ditos *primitivos* que se baseia no princípio da *onipotência de pensamentos*, ou seja, na convicção de que se consegue operar transformações no mundo apenas pelo pensamento, e a prática da magia é também é assim regida (FREUD, 1974). Ao que parece, apesar de viverem muito distante cronologicamente dos *primitivos*, na lógica das pessoas do povoado ainda persistem fortes traços da antiga crença no poder da mente humana.

O Pai demonstra mais uma vez fidelidade aos costumes já consagrados na cultura brasileira, especialmente nos meios rurais, em que, desde o período colonial, se recorre à medicina mágico-religiosa de influência africana (FREIRE, 1989). Ao que parece, apesar de viverem muito distante cronologicamente dos *primitivos*, na lógica das pessoas do povoado ainda persistem fortes traços da antiga crença no poder da mente humana.

Além da morte de Seo Quinquim, seu filho nasce morto e a esposa, acometida de prostração letárgica, também morre. Até a casa aparenta uma silenciosa câmara mortuária:

Um dia, justo, justo, em, sol e hora, depois do enterro de seo Quinquim, outro acontecimento calamitara a casa e a gente da fazenda. Virgínia, com o sofrer de muitas dores, tinha tido uma criança morta. Ela mesma permanecia igual a uma morta, em funda sonolência, na cama, no quarto, no escuro. (*Estas Estórias*, p. 175).

Observando de uma perspectiva histórica, constata-se que nas diversas culturas, durante muitos séculos, a *arte de curar* esteve restrita a práticas mágico-religiosas, cuja garantia de sucesso residia na fé do doente nos executores do ato mágico: pajés, xamãs, benzedores e negros macumbeiros. Os vestígios de tal prática sobrevivem em populações carentes de esclarecimentos; como a mimetizada no conto.

Embora não se encontrem referências textuais explícitas sobre o contexto socioeconômico da estória, sabemos que os habitantes do povoado são lavradores sertanejos, afastados da cidade, portadores uma cultura particular e anacrônica, que se reflete em seu comportamento e filosofia de vida (RIBEIRO, 1997). Portanto, *Bicho Mau* pode expressar uma advertência à virtual potencialidade de repetição do fato em outros grupos humanos, a qualquer tempo e lugar, conforme a indefinição espaciotemporal da estória parece indicar, realçando desníveis culturais na sociedade, propiciadores de novas tragédias.

### **3 | A MENINA DE LÁ: OS PODERES DA SANTINHA**

Em *A menina de lá*, constata-se credices milagrosas em torno do poder da palavra da personagem Nhinhinha, garota estranha, indiferente a tudo, quase não brinca, sempre quieta e do pouco que fala, ninguém entende o sentido. Mas é tranquila e vive com o Pai, um sitiante, a Mãe, muito religiosa e Tiantônia

O “desequilíbrio” propriamente dito, instaura-se quando Nhinhinha começa a “realizar milagres”, isto é, seus desejos se concretizam, após expressá-los verbalmente. Entretanto, ela não obedece aos pedidos que lhe fazem; solicitam a cura da Mãe e a chuva, porém ela se recusa a interferir. Mesmo assim, acreditam que os problemas foram solucionados por sua intervenção, pois abraça a Mãe e ela sara e dois dias depois de recusar-se a desejar a chuva, a menina quer o arco-íris e chove.

A garota passa ser considerada dotada de “poderes” e santificada. Subitamente, ela adoece e morre. Tiantônia revela que, no dia do arco-íris, a garota desejara um caixãozinho verde e rosa, suposta predição de sua morte. Embora o Pai não queira encomendar o caixãozinho desejado, a Mãe confia que este virá, como a filha queria, “milagre” de “Santa” Nhinhinha.

O narrador não tem onisciência, desconhece as motivações e os pensamentos da garota. Outro índice a colaborar na construção do perfil de estranheza da menina é a localização espacial do conto. “Sua casa ficava para trás da Serra Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado Temor de Deus.” (Primeiras estórias, p.22). O significado de “brejo” (pântano, lodo) contrasta com a água limpa; estaria o lugar de Nhinhinha já limpo, “purificado”? O nome do vilarejo insinua a ideia de que seria habitado por pessoas religiosas, o que se confirma na referência à extrema religiosidade da Mãe que “nunca tirava o terço da mão” (*Primeiras estórias*, p.22).

O título do conto aponta para um elemento fundamental em relação à garota; o advérbio “lá” enfeixa significados como “longe, além, de outro lugar”, opostos a “aqui”, o que pode sugerir que o verdadeiro espaço da personagem não é deste lugar, desta esfera, do ambiente em que vive; é de “lá”, de outro lugar, logo, possui outro saber. A enigmática menina e o incomum de suas palavras e atitudes constroem uma aura de mistério em torno dela, favorecendo a dúvida quanto ao caráter *sobre-natural* que lhe é imposto pelo grupo.

Através deste conto, Guimarães Rosa faz retornar a crença no poder e na magia da palavra mediadora entre o homem e aquilo que o assombra, situando a palavra de Nhinhinha entre o plano do real e do irreal. Tal crença remonta ao tempo primordial, quando a palavra era usada pela linguagem sagrada, cabalística, em que havia uma veneração mítico-religiosa da palavra. É constante nos relatos de criação de quase todas as religiões, a palavra aparece sempre unida ao Deus-Criador, instrumento e fundamento de todo o existir; e ainda que deu ao homem palavras para completar a criação, nomeando seres e dominando-os pelas falas sagradas dos cultos e cerimônias. (CASSIRER, 1972)

Pode-se também relacionar essa tradição da magia da Palavra à “onipotência de pensamento, isto é, crer que se pode modificar o mundo externo pelo simples pensamento, crença comum aos selvagens e neuróticos.” (FREUD, 1980 p.110). O homem dito “primitivo” acreditava fortemente no poder de seus desejos; assim, a verdadeira razão da eficácia dos meios mágicos é apenas porque deseja a ocorrência do fato em si; mais tarde, acreditará ser o ato mágico isolado o verdadeiro determinante do fato. E, imaginava que o controle exercido sobre seus pensamentos, é passível de estender-se também sobre as coisas.

Refletindo a respeito das considerações acerca da crença no poder da Palavra, percebe-se que família (e a comunidade) atribuem à Nhinhinha a faculdade de controlar o mundo através de sua palavra (desejo), quando, na verdade, projetavam nela o Desejo inconsciente deles. Sentiam-se “afetados” pelo “poder” da garota, algo de inexplicável presente na realidade do grupo, impelia-os a crer no mistério em torno da menina.

Portanto, as “coincidências” em torno de Nhinhinha, do ponto de vista de seu desejar/falar/acontecer, demonstram que a família tem mais responsabilidade que a garota na realização dos “milagres” – tentativas que encontram para interpretar

o acaso – e que estes estariam profundamente enraizados no desejo inconsciente deles que a menina representava.

Toda impressão ou desejo que inquiete o homem pode afetá-lo religiosamente e “Para a pessoa que esteja sobre o encanto desta intuição mítico-religiosa é como se nela o mundo inteiro afundasse.” (CASSIRER, 1972, p.52). Desse modo, a consciência não reflete, não analisa, subjuga-se. Assim parece ter ocorrido no caso de Nhinhinha. Por ser diferente deles, não era compreendida e serve como suporte religioso para explicarem a si próprios sua ignorância diante da realidade. Transferem-na para outra “esfera”, extra-ordinária, na dimensão do “sagrado”, porque atribuem-lhe um dom, sobrenatural,

É na ordem de tais fenômenos que Guimarães Rosa nos insere neste conto, o qual, embora sustentado por crenças da ordem do sagrado, permite brechas para a razão atuar, buscando explicações lógicas, o que é não parece comum nas atividades da religiosidade. Se por um lado, o narrador não tem onisciência, desconhece as motivações e os pensamentos da garota, por outro, é responsável pela possibilidade de reflexão dos “milagres” e *santificação* de menina.

O conto aproxima-se do limite entre o “real” e o irreal, articulando um diálogo entre o homem de “fora” (“realidade”) e o de “dentro” (mecanismos psíquicos). No jogo vida/ficção, logrando revelar a pluridimensionalidade da vida, Guimarães Rosa desautomatiza a linguagem através das palavras truncadas de Nhinhinha; o Desejo/Palavra atua e transmuta a ordem natural dos fatos, “operação milagrosa” que constrói o campo de forças religioso do conto.

#### **4 | GRANDE SERTÃO: VEREDAS: RIOBALDO, PACTÁRIO DO DIABO?**

*Grande sertão: veredas* é um exemplo eloquente de como a religiosidade é tecida e dos diversos sentidos interpretativos que suscita. A narrativa apresenta vários casos nos quais o Bem e o Mal se confundem, provocando sérias reflexões em Riobaldo, o narrador-personagem, e no leitor. Guimarães Rosa traz a dúvida existencial já mencionada por outros autores (*Fausto* de Goethe; *Dr. Fausto* de Thomas Mann): o Diabo existe? Tem mesmo poder sobre o ser humano? Faz *pacto* com o homem? Essas questões permeiam toda a estória e atormentam o protagonista:

Explico ao senhor; o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, o homem dos avessos. Solto por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum. Nenhum! - é o que digo”. Mas em contrapartida, admite: “Eu pessoalmente, quase que já perdi nele a crença mercês a Deus; é o que ao senhor lhe digo, à pureza. (*Grande sertão: veredas*, p.10)

Riobaldo, ex-jagunço, agora fazendeiro, no sertão de Minas Gerais, narra para um visitante, suas aventuras, idas e vindas e combates pelo sertão e seus conflitos, sendo o principal, um amor proibido que sentira por Diadorim, mulher travestida de



homem e cuja identidade só vai conhecer quando ela morre. Por causa desse forte sentimento, que ambos tratavam como amizade, Riobaldo aceita guerrear contra Hermógenes, o maior inimigo da jovem. Na verdade, ele não queria ser jagunço, no entanto, devido a necessidade de conduzir o bando ao caminho certo, teve de aceitar inclusive uma posição de chefia.

Não se julga pronto para exercê-la e deseja ajuda sobrenatural para capacitá-lo. Acredita em Deus, mas diante dos sofrimentos de pessoas e animais, justifica: “*Acho que Deus não quer consertar nada a não ser pelo completo contrato: Deus é plantação. A gente – é as areias.*”, apela para o Diabo, representante do Mal, que acredita seguramente revestir Hermógenes: “- O Hermógenes tem pauta. Ele se quis com o capioto...” (*Grande sertão: veredas*, p. 45).

Desse modo, à meia-noite, vai à encruzilhada das Veredas-Mortas, com vistas a invocar o Demo e tornar-se dele pactário, embora ainda inseguro, entre Deus e a força do Mal. O Cujo não se apresenta fisicamente, então surge angústia de Riobaldo: se o *pacto* foi ou não feito, se foi Deus que estava com ele e impediu a vinda do Demo.

Contudo, após essa noite, Riobaldo volta modificado, “a experiência religiosa enquadra o homem na sua totalidade e, por conseguinte, também afeta as zonas profundas do seu ser” (ELIADE, s/d, p.12); adquire intensa sensação de coragem e poder de decisão e mando, realiza feitos grandiosos, como a travessia do Sussuarão, o que permite ao bando lutar contra o inimigo e a Diadorim enfrentar e matar Hermógenes.

Riobaldo julga vencer o Mal, mas perde o amor de Diadorim; daí sua inquietação, culpa e remorso. O Bem e o Mal parecem se tocar: “O senhor mire e veja: (...) o diabo é às brutas: mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele quando quer – moço! – me dá medo e pavor!” (*Grande sertão: veredas*, 22)

## 5 | A RELIGIOSIDADE EM QUESTÃO...

A narrativa é um jogo enigmático e sedutor, que sobrevive desde os tempos mais remotos da civilização, continuando eficaz meio transmissor da experiência coletiva extraída da própria existência; portanto, capaz de manter sua força de interesse em relação ao ouvinte, garantido, principalmente, pela marca do narrador impressa na estória, “*mestre e sábio*”, espécie de “*conselheiro e adjutor*” em qualquer emergência (BENJAMIN, 1987).

O narrador reveste-se, então, de especial relevância, pois lhe caberá a função de focar as diversas faces do tema, categórico ou desafiando o narrado, por meio de comentários diretos, ambíguos e indagações responsáveis por possíveis reflexões do que é apresentado. É o que ocorre nos contos rosianos, em que a contestação explícita ou implícita dos acontecimentos incita o senso crítico e, ao

mesmo tempo, questiona a percepção do *real*, oferecendo, sob diferentes ângulos, uma outra cosmovisão na qual a aparência dos fatos não assume o papel principal, sendo passível de investigação.

*A hora e a vez de Augusto Matraga* evidencia que ninguém é completamente mau, nem Matraga ou Joãozinho Bem-Bem; parece haver sempre uma parcela de bons sentimentos dentro de cada ser humano. Desta forma, Guimarães Rosa neutraliza os limites absolutos entre o Bem e o Mal, basta observarmos o desfecho do conto para concluirmos que

(...) Os dois heróis se defrontam e com forças iguais se anulam reciprocamente; Matraga representando a força de Deus e Joãozinho Bem-Bem, a de Satanás. Mas onde estão realmente as forças do Bem e do Mal nesses dois valentes? É só atentarmos para as razões e a grandeza de cada um ou pelo respeito que um demonstra pelo outro, para ficarmos sem resposta. (COELHO e VERSIANI, p.60)

*Bicho Mau* mostra o pai entregando o filho à *morte* e no desfecho, o narrador esclarece que o rapaz poderia ter sido salvo tomando as injeções, não fosse a fé ilimitada do pai no benzedor. Por conseguinte, a “sabedoria” do narrador confere à estória um caráter de exemplaridade, apontando que o atraso cultural, aliado à cegueira fé e da superstição, causa um mal, talvez mais devastador que o veneno do ofídio, pois igualmente letal, não só para seo Quinquim, quanto para mulher e filho.

Após a morte de seo Quinquim, quando a esposa adoece, chamam o médico, um moço *de fora*, que classifica Jerônimo de *charlatão*. Entretanto, dentro de seu universo de valores, o curandeiro age com a intenção de salvar o rapaz, tanto que o Pai não se revolta contra o malogro da *simpatia*. De modo semelhante, também o cidadão urbano não desacredita de um conjunto de teorias científicas, caso eventualmente não ocorra uma cura. Assim, o conto oferece margem à discussão de um sério problema cultural, pondo em foco o pensamento científico e a fé na superstição.

Em *A menina de lá*, o “milagre” definitivo: a vinda do caixãozinho, elemento decisivo para ratificar (ou não) a santificação da garota, que representaria a força transcendente de sua palavra, não se confirma, permanecendo no âmbito do desejo da Mãe. Inconsciente ou sobrenatural? A morte de Nhinhinha torna-a “santa”. Mas o texto rosiano permite suspeitar se as coisas aconteceram conforme a palavra do narrador, se era mero acaso ou o desejo da comunidade projetado na menina.

Em *Grande sertão: veredas*, Deus e o Diabo são a mesma essência do divino permeando a estória. Paradoxalmente o Mal se torna um Bem. Após o *pacto*, Riobaldo modifica-se, reveste-se de uma *aura sobrenatural* e consegue a vitória sobre o inimigo, mas vê este Bem como um grande Mal, pois ele perde a chance de felicidade terrena com Diadorim. Todavia, só então consegue dar o verdadeiro sentido à sua vida, ser ele mesmo. Deixa o cangaço, vira um homem pacato, reflexivo e filósofo. (UTÉZA, 1996).

Assim, Bem e Mal estão sempre se interseccionando, inclusive na constatação

de Riobaldo: “O senhor mire e veja: (...) o diabo é às brutas: mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele quando quer – moço! – me dá medo e pavor!” (*Grande sertão: veredas*, p. 24); e causando dúvidas na perspectiva mística de compreensão do universo.

No dizer de Covizzi (1978, p.54), “... o mal existe, a forte presença é superável por experiências totalizantes, o que custa, no atual estágio do ser humano, grande parte de seu limitado tempo vital. Não importa. O bem existe, é desejado, mas de difícil alcance.”

Dotado de um profundo conhecimento religioso-místico, o escritor mineiro buscava ir além do óbvio. Sua filha, Vilma, assegura: “interessava-lhe a realidade do mundo imaterial e a grande significação das coisas criadas. Procurava nexos entre o visível e o invisível, o sensorial e o ultra-sensorial.” (sic ROSA, 1983, p.27). E, em correspondência, ele próprio afirma: “(...) procuro cada vez mais guiar-me pela intuição, e não pela inteligência reflexiva. (...) Fujo das formulações, das definições, das conceituações mais ou menos rígidas e esquemáticas, das conclusões gerais.” (ROSA, 1983, p. 345).

O autor não se apresenta declaradamente como um incrédulo nos fenômenos do imaginário, aponta-nos a racionalidade, mas levanta parcialmente o véu que separa os fenômenos supra-naturais da “realidade”, é como se respeitasse um ponto em que a razão não mais conseguisse devassar o mistério aparente das coisas e apenas à intuição o homem pudesse recorrer para atingir a compreensão da existência, *o aprender a viver*.

Indiscutivelmente, em Guimarães Rosa, cumpre-se a *função* humanizadora da *Literatura* (CANDIDO, 1992) não abandonando o intercâmbio com a realidade nem sua transfiguração. Em seus relatos, as personagens encontram-se em situações passíveis de serem vivenciadas na realidade referencial, envolvidas em questões insólitas (muitas vezes, inviáveis no “mundo real”) e sendo pressionadas a escolhas definitivas, cujas soluções lhes indicam os limites humanos.

A obra rosiana nos faz perceber que diante de inseguranças, temores, vergonhas e dificuldades enraizadas na alma humana, urgentes de superação, o homem, busca solução na religiosidade, por diferentes caminhos, ocultas veredas e misteriosas encruzilhadas “porque a religião é a solução exemplar de toda crise existencial.”(ELIADE, s/d, p.12).

Nessa perspectiva, através da tessitura do enredo e do comportamento de suas personagens, mostra a religiosidade, mas também permite ao leitor a reflexão e o questionamento. Transcende o cotidiano e o contexto regional que facilitou a formação de suas peculiaridades, para atingir dimensões universais: emoções, sentimentos, dúvidas e reflexões comuns à humanidade. Tudo o que importa é que “... A vida também é para ser lida. Não literalmente mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas.” (*Tutameia*, 1967, p. 4.)

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. "O Narrador". In:- *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas, v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CANDIDO, Antonio. "A literatura e a formação do homem". São Paulo, *Rev. de Ciência e Cultura* 24(9): 803-809/set 1992.
- CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. São Paulo, Perspectiva: 1972.
- COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1973.
- ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, sd.
- \_\_\_\_\_. *O mito do eterno retorno*. Lisboa; Edições 70, 1969.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- FREUD, Freud. *Totem e tabu*. Obras Completas, v. XIII. 1974
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994,
- LÈVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1967.
- MONTERO, Paula. *Magia e pensamento mágico*. São Paulo: Ática, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- ROSA, João Guimarães. *Estas Estórias*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Grande sertão: veredas*. 21a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Primeiras estórias*. 14a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Sagarana*. 29. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembramentos João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- UTEZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. Trad. José Carlos Garbuglio. São Paulo: Edusp, 1994.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA:** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abolição da Escravatura 88, 90, 91, 93, 94

Amazônia 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 88, 89

Análise 1, 2, 13, 17, 24, 34, 48, 49, 88

Árabes 68, 69, 70, 75, 78

Autor mineiro 48, 49

### C

Cinzas do Norte 1, 2, 3, 6, 10, 11

Conhecimentos 26, 51

Conservadores 64, 65, 80

Crítica 8, 15, 17, 23, 44, 46, 68, 75, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

Crítica Textual 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

### D

Direitos Humanos 60, 63, 66, 82

### E

Eça de Queirós 5, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Ensino 24, 25, 27, 28, 29, 32, 95

Estados Unidos 61, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 87

### F

Fascistas 80

### I

Imaginário Religioso 48

Imigração 60, 61, 62, 63, 66

### L

Leitor 13, 14, 24, 29, 34, 35, 37, 44, 45, 51, 55, 58, 77, 78, 85

Literatura 10, 11, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 58, 59, 60, 68, 69, 71, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 90, 94

Lucíola 12, 13, 15, 17, 22, 23

### M

Machado de Assis 13, 23, 80, 82, 85, 86, 87

Milton Hatoum 1, 2, 9, 10, 11

Muçulmanos 68, 69, 70, 74, 75, 76, 78

## **N**

Narrativa Fantástica 34, 38  
Narrativas Oraís 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32  
Natureza Literária 1  
Negro 52, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

## **O**

Obra Literária 37, 42, 68, 78

## **P**

Pará 3, 24, 29, 94, 95  
Parauapebas 24, 29, 31, 95  
Poder do Senhorio 88, 89, 91  
Processos Migratórios 1, 2  
Propostas 26, 29, 32, 39

## **R**

Reflexões 10, 24, 41, 42, 55, 56, 58  
Refugiados 60, 61, 62  
Representações Femininas 12  
Resistência 7, 8, 9, 26, 69, 80, 81, 87, 88, 89, 91, 93  
Romances 2, 10, 11, 12, 13, 22, 69

## **S**

Sala de aula 24, 25, 28, 29, 31, 32  
Senhora 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 83

## **T**

Texto Literário 37



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-635-5



9 788572 476355